

Manuel Castells, Mireia Fernández-Ardèvol, Jack Linchuan Qiu, Araba Sey.
Comunicação móvel e sociedade. Uma perspectiva global.
Lisboa, Fundação Calouste Gubenkian, 2009, 392 pp.

Luzia de Oliveira Pinheiro*

Comunicação móvel e sociedade. Uma perspectiva global (2009) de Manuel Castells, Mireia Fernández-Ardèvol, Jack Linchuan Qiu e Araba Sey é o resultado de uma investigação exaustiva acerca da difusão das tecnologias de comunicação móveis em vários continentes. Questionando “sobre a lógica social integrada na comunicação sem fios, e sobre a configuração dessa lógica pelos utilizadores e usos, em diferentes contextos culturais e institucionais” (p. XIX), os autores salientam o carácter analítico da obra.

Dividida em capítulos relativos às mais diversas características que a difusão destas tecnologias pode influenciar, a presente obra começa por caracterizar a introdução do telemóvel no mercado mundial. De acordo com os autores, tem-se assistido, nos últimos anos, ao cada vez maior enraizamento das novas tecnologias de comunicação na nossa experiência quotidiana. De facto, estas tecnologias que há dez anos eram ainda um bem escasso constituem-se actualmente como um bem essencial nos países desenvolvidos. As evidências empíricas (p. 96) mostram que as características culturais influenciam tanto o padrão como o uso destas tecnologias. É possível, na verdade, concluir que a difusão das tecnologias da comunicação móvel entre os jovens foi substancial e pode ser explicada pela combinação de múltiplos factores, como é o caso da abertura de mentalidade, do gosto pela experimentação e pelo risco, tal como pela criatividade próprios da idade, podendo mesmo falar-se da existência de uma cultura jovem móvel (p. 164).

Esta forma de actuar tem efeitos profundos e altera a experiência quotidiana nos seus aspectos mais microssociais, podendo falar-se de uma “sensibilidade tecnossocial” em que tecnologia e natureza parecem, em certa medida, fundidas. Em suma, está-se perante uma nova percepção das tecnologias que valoriza o seu aspecto ambiental criador de novas formas de ser e “novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos da cultura” (Holmes e Russel, citados por Castells *et alii*, 2009: 182). No entanto, como salienta Castells e a sua equipa, está-se perante padrões emergentes de utilização e percepção destas tecnologias pelo que as possibilidades de modificação das mesmas estão em aberto, principalmente a longo prazo. Por exemplo, relativamente ao telemóvel, actualmente é possível verificar que os homens o vêem como um objecto tecnológico, enquanto as mulheres o utilizam essencialmente como um objecto de moda e de interacção social (p. 48). Mais, as tecnologias de comunicação móvel têm sido modificadas pelos indivíduos de modo a integrarem “as suas próprias práticas de acordo com as necessidades, valores, interesses e desejos” (p. 162).

* Socióloga e doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho. E-mail: luzia.o.pinheiro@gmail.com

Torna-se visível que, para Castells, a tecnologia deve ser estudada como uma construção social em que os elementos tecnológicos em si não merecem uma análise autónoma. Esta visão do construtivismo social parece contudo estar a ser revista quando nos aparecem algumas reflexões que apontam para novas vias de reflexão sobre a relação entre o humano e a tecnologia. Fazendo lembrar o contributo de Bruno Latour, Fortunatti (p. 222) reflecte acerca da passagem do telemóvel de tecnologia móvel a tecnologia essencialmente sedentária. Numa palavra, “o local do telemóvel é o próprio indivíduo” (p. 222).

Desta forma, muitos autores sugerem uma teorização da tecnologia que não se reduz apenas ao estudo dos seus aspectos sociais realçando a emergência de uma interpenetração entre o social, o psicológico e o biológico. Tal como diz Pio Abreu “dentro do ecrã aparecem os nossos contactos, memória e pensamentos, talvez mesmo os segredos, e ainda a informação que quisermos explorar. O ecrã já não é uma superfície branca onde se projecta um feixe de luz” (Abreu, 2010: 38). E pode mudar assim a própria experiência do mundo e, em certa medida, a forma como comunicamos uns com os outros.

Referências bibliográficas

Abreu, J. L. P. (2010) *Estranho Quotidiano*, Lisboa: Dom Quixote.